



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7292 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 19 - Educação Matemática

**CORPOS QUE (SE) PRODUZEM: TENSIONAMENTOS ACERCA DE UMA ETNOMATEMÁTICA**

Rafael Antunes Machado - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

### **CORPOS QUE (SE) PRODUZEM: TENSIONAMENTOS ACERCA DE UMA ETNOMATEMÁTICA**

Este texto é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação [XXX], da [XXX].

Pela opção decolonial, este trabalho centra-se na sensibilização de uma Etnomatemática que articula o conhecimento em práticas culturais sem transportá-lo para o plano do alegórico. *Uma* Matemática eurocentrada é questionada a partir dos afetamentos que do pesquisador como nativo de um solo branco, urbano, escolarizado e visitante em um solo mestiço, rural e artesanal. O encontro desses territórios na prática do pesquisador é catalisador para ressignificações em uma prática escolarizada.

O trabalho de campo ocorreu nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, municípios de Turmalina e Minas Novas, Minas Gerais, em janeiro de 2020. Os indivíduos que se dispuseram a compor este trabalho, juntamente com o pesquisador, são artesãs que moldam o barro. A metodologia para o estudo parte de questionamentos que circundam a trajetória de vida e prática docente do pesquisador. De uma sala de aula formal, quais possibilidades de conceber *um* conhecimento matemático são abertas no encontro do professor com a prática cultural de artesãs do Vale do Jequitinhonha? Pelas questões que afetam o pesquisador, a fundamental: como problematizar uma Educação Matemática junto a sujeitos – artesãs do Vale do Jequitinhonha – que, até então, não se dizem (ou não são ditos) integrantes de *uma* educação matemática preconcebida nos padrões tradicionais de produção de *um* conhecimento?

Os diálogos fomentados na pesquisa emergem do solo cultural do pesquisador com sua própria prática, dos solos das artesãs e de interlocutores nos campos da Educação Matemática e da Decolonialidade. Na operacionalização do trabalho não é adotada a pesquisa etnográfica. Um risco potencial e principal recaía sobre a possível distorção de significados que o campo fazia emergir: o pesquisador, em seu solo cultural, poderia incorrer no erro de significar a prática das artesãs segundo uma visão de detenção do conhecimento – ecoando os desgostos do exercício da colonialidade.

A necessidade do pesquisador passa pela produção de sentidos a questionamentos próprios à sua experiência como professor de *uma* Matemática. Dessa forma, optou-se por uma pesquisa *autoetnográfica*. Tal método, para Calva (2019), refere-se a uma metodologia

qualitativa cujo objetivo central é partir do indivíduo em investigação para, então, compreender o contexto espacial e temporal em que se vive a experiência individual, em suas dimensões social, cultural e política. O indivíduo em investigação torna-se, assim, o próprio pesquisador.

Como o sujeito de investigação é o próprio pesquisador, recorre-se à noção de experiência. Para Jorge Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca; não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p.26)

Cabe entrelaçar uma perspectiva da Etnomatemática que mobilize a produção do conhecimento ancorado no par experiência/sentido. Assim, Clareto (2003) defende que “a etnomatemática surge na perspectiva de enfrentar crises postas ao conhecimento, sobretudo no que se refere ao questionamento da neutralidade do conhecimento científico e de sua objetividade”. Mais ainda,

A etnomatemática vai se constituindo na busca de romper com tal visão de conhecimento, uma vez que sugere a adoção de conhecimentos locais, de abordagens culturais ao conhecimento. Ela não admite verdades absolutas, mas tão somente verdades contextuais, portanto, provisórias” (CLARETO, 2003, p.54)

Ponto chave reside nas verdades provisórias. É perceptível o embate entre *uma* Matemática que é validadora do conhecimento, objetiva, experimentável e reproduzível, com *uma* articulação que se preza na experiência e na contingência, sempre transitória. Para Clareto, essa perspectiva de produção de saberes

vai na direção de pensar o conhecimento para além das fronteiras rigidamente postas pela academia e pelos matemáticos; igualmente, procura pensar a cultura e a diversidade cultural para além da homogeneidade e hegemonia da cultura ocidental e para além das amarras das culturas de elite. (CLARETO, 2003, p.54)

Atenção deve ser dada ao *distanciamento epistemológico* entre a academia e saberes não escolarizados, e como o Programa Etnomatemática se porta frente a esse embate.

Mas se as afirmações etnomatemáticas de respeito e compartilhamento do conhecimento são levadas a sério, os cenários para a circulação do conhecimento devem ser diversificados. Tal ideia poderia implicar movimentos de mão dupla: em uma direção estimular a presença e participação dos detentores do conhecimento em encontros e outros contextos tradicionais da comunidade acadêmica, e na outra direção, garantir que as investigações sejam desenvolvidas, apresentadas e avaliadas também nas instâncias tradicionais que os grupos socioculturais se estabeleceram para reunir e produzir seus conhecimentos. Essa segunda direção exige de nós um posicionamento sobre uma questão: achamos que essas instâncias não existem ou não deveriam existir? Pior ainda: achamos que essas instâncias não têm a capacidade de compreender as motivações e procedimentos de uma pesquisa etnomatemática? (PARRA, 2015, p.409)

Como professores de matemática podem, então, conciliar as duas vias? Ainda há distorções para a resposta (caso haja), especialmente no que se refere a exames de seleção, como o Exame Nacional do Ensino Médio/Enem. Gelsa Knijnik, em seminário pelo canal *Matemática Humanista* no *Youtube*, em 30 de julho de 2020, afirma que aquele que tem acesso a esses formalismos (da matemática escolar) chegará a carreiras de engenharias, dentre outras e, mais ainda, para vencer a desigualdade escolar é necessário passar em testes que não levam em conta saberes de práticas culturais. Adjetivar algo como Matemática é uma atitude colonial que tende a desqualificar lógicas de quem produz saberes distintos, que não sejam da escola ou da academia.

“O bom do artesanato é que é uma coisa sem peso e sem medida”, afirma Zezinha, artesã de Campo Alegre. Onde essa fala se validaria? Na academia ou em seu cotidiano em que medições não são necessárias para a execução de uma atividade que requer memória e destreza de um corpo que (se) produz?

Por fim, corpos que (se) produzem saberes por meio de práticas culturais, apesar de servirem de inspiração a muitas pesquisas no campo da Etnomatemática, ainda são tratados como *objeto* de pesquisa. Assim que o grupo de pesquisadores de *uma* ciência ocidentalizada entender (e se entender) como *o produtor de conhecimento no encontro, e não a partir de um objeto*, a Matemática poderá caminhar ao lado das mobilizações de conhecimento pautadas na experiência.

**Palavras-chave:** Decolonialidade. Etnomatemática. Experiência. Artesãs.

## REFERÊNCIAS

CALVA, Silvia M. B. (org.). *Autoetnografia: uma metodologia qualitativa*. 1.ed. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019.

KNIJINIK, Gelsa. *Educação Matemática, Exclusão Social e Política do Conhecimento*. Youtube, 30 jul. 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Cfaa19blJg8&t=2s>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista brasileira de educação*. Campinas., 2002, p.20-28.

PARRA, Aldo. Intellectual property in ethnomathematics. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*. Colômbia, v.8, n.2, 2015. p.398-414.